

FAKE NEWS E EDUCAÇÃO: ENSINANDO POR MEIO DA CULTURA DA DESINFORMAÇÃO

Yuri Medeiros Henrique de Sousa¹
José dos Santos Ferreira²

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é decorrente dos experimentos apresentados na 12ª feira de Ciências Municipal de Fortaleza, Ceará. A pesquisa foi realizada pelos alunos do nono ano de uma escola da rede Municipal de Ensino, sobre a orientação do professor de matemática da turma. O trabalho busca na sua conclusão, alertar para a necessidade de existir uma educação digital adequada para o consumo de informações.

As notícias falsas, que ganharam espaço no mundo moderno, com o nome de *Fake News*, não é algo recente. Foi popularizado por um ex-presidente americano, para reclamar da cobertura da imprensa, em sua campanha durante o período eleitoral no ano de dois mil e dezesseis, acusando-a de perseguição.

Para Mosca (2019), alguns são muito crédulos, outros são descuidados. Alguns são iludidos e outros encantados com a falsidade, pois não a evitam e outros a procuram. Seguindo este pensamento, a autora destaca que muito antes da era moderna, no século I a.C, Otávio, que viria a se tornar o imperador romano Augusto, realizou campanhas de difamação contra Marco Antônio, seu rival político, com a finalidade de transformá-lo em inimigo público. Ainda na antiguidade, segundo a autora, Sêneca, também reflete sobre o uso de mentiras por pessoas com propósito de se tornarem populares.

Em a arte da guerra, icônico livro sobre estratégia, utilizado atualmente como um guia de estratégia empresarial, Sun Tzu (2006), versa sobre o uso de espões e a importância das informações em um planejamento militar. Segundo o autor, podemos compreender que na política, filosofia, estratégia e em vários outros meios, a obtenção e divulgação de informações é vital, pois conhecimento é poder e as informações acessíveis guiam a tomada de decisão dos indivíduos.

¹ Graduado no Curso de Licenciatura Plena em Matemática pela Universidade Federal do Ceará - UFC, yuriDx7@hotmail.com;

² Professor orientador: Doutorando em Ensino de Ciências e Matemática pelo PPGECM da Universidade de Passo Fundo – UPF, RS, santosdianz@gmail.com;

Diante dessa contextualização, até que ponto podemos confiar em uma informação divulgada? Seria melhor se informar pelos jornais impressos ou telejornais? As informações nas redes sociais são verdadeiras? Quais informações são confiáveis? “Nada é verdade, tudo é permitido”?

Partindo das indagações acima, o presente trabalho realizado na escola municipal, acompanhou e analisou as consequências da propagação de notícias falsas. A gestão da escola foi a fonte oficial de todas as notícias referentes ao ambiente escolar. Fabricamos *Fake News* e utilizando a comunidade escolar (alunos, professores e funcionários) como amostra para o experimento, implantamos nela, durante cinco dias, as mentiras produzidas.

Antes e durante o experimento, foi realizado uma pesquisa para coletar dados sobre como as pessoas consomem informações. Após o período do experimento, conduzimos nova pesquisa, dessa vez com o intuito de verificar se as desinformações espalhadas, haviam tido êxito e/ou se as pessoas procuraram averiguar a veracidade das informações.

A utilização do cenário escolar real, como uma simulação das praças públicas digitais foi reveladora. Na vida real a credibilidade de uma informação pode ser dada pela credibilidade da pessoa que a divulga, o que é similar nas redes sociais, com diferencial de que a credibilidade no mundo digital se atrela a quantidade de seguidores do indivíduo.

O comportamento dos adolescentes, grandes usuários das redes sociais e de adultos durante nossa investigação, provou-se similar e consistente com os fenômenos que ocorrem nos meios digitais, no sentido de que, se alguém com certa notoriedade ou autoridade, interpreta-se no meio digital como um grande *influencer*, divulga alguma notícia, raramente as pessoas verificam a veracidade do divulgado.

Observamos que no momento atual, no mundo onde existem os nativos digitais, o educador e pesquisador Marc Prensky (2001), criou conceitos para descrever a geração de jovens nascidos a partir da disponibilidade de informações rápidas e acessíveis, na grande rede de computadores, a *internet*. Para o autor, uma população que tem acesso e consome uma alta quantidade de informações em tempo real, sobre qualquer assunto ao redor do mundo, necessita de instrução sobre como usar essa tecnologia de maneira benéfica. Afinal, o uso incorreto das ferramentas digitais, pode acarretar consequências e decisões errôneas no mundo real.

MATERIAIS E MÉTODOS

Iniciamos nossa trajetória discutindo o tema central da feira escolar de Ciências: “Educação digital e *fake news*”. Para iniciar qualquer discursão sobre o assunto, foi necessário

situar os estudantes sobre a temática da educação digital e *fake news*. Demos início aos debates e, sendo eles nativos digitais, já tinham muitos conhecimentos prévios sobre o assunto, mas lhes faltavam argumentos para explicar a ideia. Portanto iniciamos um apanhado histórico, filosófico, sociológico e matemático (no âmbito da ciência de tomada de decisões) para compreender o assunto com maior clareza.

Após dois dias de discursões e questionamentos, com informações de bases teóricas, restava criar uma ideia para estudar a problemática. Apoiados com as ideias citadas por Gracián (2018, p. 16) “...Não basta ser honesto, tem que parecer honesto... Na sociedade, prevalece o engano...”, supomos que o ambiente digital se assemelhava a uma praça pública comum, a diferença é que é muito maior o alcance e a velocidade de propagação das informações e “fófocas” rotineiras.

Supondo que poderíamos ter noção do que realmente acontecia nesse ambiente virtual, se conseguíssemos entender melhor o que acontece no mundo real, pensamos em espalhar *fake news* no ambiente escolar, a fim de estudar o comportamento dessa praça pública. Após este caso realizado, colocamos em prática nosso método de pesquisa.

Para a realização do nosso experimento, dividimos o trabalho em planejamento, execução e conclusão. Estruturamos o experimento dessa maneira, para que pudéssemos coordenar múltiplas pessoas e coletar os dados com eficiência.

Optamos pela criação de notícias falsas, utilizando o método descrito por Silva (2022, p.145), em à sociedade da desinformação, “... modelo que se baseia em uma tríade: criar um boato, fortalecê-lo por meio da mentira e disseminar em fontes de informação de acesso público”. O planejamento, a primeira parte do projeto, teve duração de dois dias. Nele planejamos como “atacar” o problema.

Foram duas *Fake News* fabricadas. Empregamos o modelo descrito pelo autor, como método de avaliar as consequências das notícias. A primeira notícia, foi que ‘A escola vai ter uma sala de recreação, jogos, brinquedos e maquiagem para os alunos’ e a segunda, ‘O lanche, a merenda da escola, vai ser diferente na sexta-feira, com cachorro-quente, refrigerante e outras coisas’. Criamos essas notícias de acordo com o público-alvo, que eram os estudantes, para ir além e alcançar a atenção dos professores e demais funcionários.

Utilizando os conceitos para espíões de Sun Tzu (2018, p. 76), dividimos a população do experimento entre aqueles que iriam receber as notícias fabricadas (comunidade escolar) e aqueles que iriam divulgar as desinformações (estudantes). Tendo a gestão escolar como fonte de informações oficiais, que revelaria a verdade do experimento a quem fosse verificar,

separamos ainda um grupo de entrevistadores que seriam os responsáveis por colher informações sobre o comportamento das pessoas no consumo de informações.

A segunda fase do projeto, foi a execução do nosso planejamento. Iniciamos o processo de desinformação de maneira oral apenas, ou seja, conversando com os demais estudantes, professores e funcionários. Enviamos nossa equipe de desinformantes a campo, três dias antes do início do experimento e durante todo o processo, utilizando o aplicativo *Google Forms*, nos *smartphones* dos estudantes desinformantes.

Nesta fase, foram feitos os seguintes questionamentos às pessoas:

1. Você é aluno, professor ou funcionário?
2. O que você acha sobre notícias falsas?
3. Como notícias falsas se propagam?
4. Qual a primeira coisa que você faz quando recebe uma notícia?
5. Como se corrige uma notícia falsa?
6. Você acha que uma notícia verdadeira se espalha mais rápida que uma falsa?
7. Caso se espalhe uma notícia falsa sobre você, como você se sentiria?
8. Você já espalhou notícias falsas?

Por fim, a fase de conclusão culminamos com uma última coleta de dados da comunidade escolar, onde se utilizando da ferramenta *Google Forms*, perguntamos: Você ouviu falar alguma coisa sobre a escola ter uma sala de recreação, jogos, brinquedos e maquiagem para os alunos ou se o lanche, a merenda da escola, vai ser diferente na sexta-feira, com cachorro quente, refrigerante, etc.? Se sim, você procurou saber se essas informações são verdadeiras? Após a coleta final, reunimos todos os dados catalogados, encerramos a última parte da pesquisa e iniciamos as discussões sobre os resultados obtidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Avaliamos estatisticamente os resultados coletados e discutimos com base em nossa fundamentação teórica. A população do experimento em questão, tem cerca de 800 pessoas, das quais entrevistamos 10% da população, 80 pessoas. Calculamos o nível de confiança de 95% e margem de erro de 10%, de acordo com dados disponibilizados na plataforma *Google* e obtivemos resultados significativos, que indicam tendências no consumo das informações e a necessidade de instrução para seu consumo.

Tendo em vista que a especulação de temas relevantes ao nosso dia a dia, quer sejam assuntos cotidianos ou não, é um ato comum do ser humano, a pesquisa revelou que 80% dos

entrevistados acreditam que as *Fake News* são maléficas à sociedade e que 65% deles, acreditam que *Fake News* se espalham apenas pelas redes sociais.

Os resultados mostram que, apesar da opinião geral ser negativa quanto ao assunto, as pessoas ainda são carentes de instrução, pois 45% dos entrevistados, foram afetados pelas notícias falsas fabricadas pelos pesquisadores, tendo-as consumido ou propagado sem verificar a veracidade das mesmas.

A pesquisa revela ainda, que 57% dos entrevistados, alegaram checar as notícias que recebem e que 68,8% alegam jamais terem espalhado notícias falsas. Revela também, que cerca de 81% acreditam que a verdade é a melhor maneira de se consertar uma informação falsa, mas ainda assim, cerca de 73% também acreditam que uma notícia verdadeira, não possui as mesmas proporções que uma falsa.

Os dados colhidos sugerem que as notícias são veiculadas de acordo com a credibilidade de quem as divulga e, mesmo uma notícia falsa, pode adquirir características de verdade, caso não seja verificada e esclarecida com agilidade. Assim, concluímos que o melhor é a prevenção e que o maior combate às *Fake News* é não iniciar ou continuar a sua propagação.

Finalizamos a conclusão da pesquisa, destacando o manual '*Fake News* para iniciantes', criado a partir do encerramento deste trabalho (SOUSA, 2023). São cinco instruções bem simples, direcionado ao público jovem e detalha instruções de como agir na internet. O objetivo deste manual é conscientizar e educar as gerações mais novas para o mundo digital, que já é uma realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tecnologia surge para melhorar a vida do ser humano, mas acreditamos que a natureza humana, atrapalha a si mesma. Podemos afirmar, que um dos maiores problemas sociais do ser humano é a comunicação de informações e, no atual momento da humanidade, conseguimos nos conectar com todo o mundo. Com isso, ganhamos acesso a pessoas que estão a quilômetros de distância de nós. Mas também ganhamos junto a isso, a descentralização da informação, onde ninguém mais é dono da verdade.

Agora as pessoas podem, ao alcance das mãos, criar conteúdos e divulgá-los em tempo real, para todas as pessoas conectadas à *internet*. O excesso e a velocidade de produção de conteúdos, junto à natureza consumista do homem tecnológico, fazem com que informações relevantes sejam menos relevantes. Isso abre um caminho importante para que pessoas com

grande influência, tentem manipular a população em geral ao distorcer fatos de acordo com suas necessidades.

Evidenciamos aqui, a necessidade de focar na formação e educação dos jovens para essa realidade, desde antes da adolescência, tendo em vista que cada vez mais cedo, eles têm contato direto com o meio digital. É necessário ocupar esse espaço na instrução dos jovens, antes que *influencers* o façam.

Essa geração e as que virão, vão vivenciar a atual tecnologia da informação e muitas outras novas, mas por mais que venham a viver no mundo digital, eles precisam saber que a tomada de decisões deles, influencia diretamente o mundo real.

É preciso, por parte da comunidade científica em geral, desde as grandes universidades até professores de pequenas escolas, estender sua atuação ao mundo digital, afim de ocupar os espaços de comunicação com informações verídicas e de fácil acesso, ajudando a criar uma nova cultura de consumo de informações.

Palavras-chave: Notícias falsas, Cultura Digital, Mídias digitais.

AGRADECIMENTOS

Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza – SME.

REFERÊNCIAS

SILVA, F. C. C. da. A Sociedade da Desinformação. **Logeion: Filosofia da Informação**. V. 9, n. 1, p. 143–161. Rio de Janeiro, RJ, 2022.

TZU, S. **A Arte da Guerra**. Coleção L&PM Pocket, Tradução: Sueli Barros Cassal. V. 207, p. 75-79. Porto Alegre, RS, 2006.

GRACIÁN, B. **A Arte da Sabedoria: Edição Completa Com Os Oraculos Inspiradores Escritos há mais de 300 anos**. Faro Editorial Tradução: Luiz Roberto Antonik, 1.ed, p. 16. Barueri, SP, 2018.

MOSCA, L. G. A Construção da Imagem de Otávio César Augusto Como Propaganda Política: Uma Análise das “Res Gestae Divi Augusti” (Séc.I d.C). **Revista Cantareira**, (22), 2019.

SOUSA, Y. M. H. **Fake News Para Iniciantes**, 2023. Disponível em: <<https://sites.google.com/educacao.fortaleza.ce.gov.br/feira-de-ciencias-creusa?usp=sharing>>. Acesso em: 12/06/2023.